

Narrativas expandidas: *performance*, colaborações, criatividade, música mista e música telemática para flauta

Cássia Carrascoza Bomfim

Universidade de São Paulo

cassiacarrascozabomfim@usp.br

Resumo:

Os avanços técnicos no repertório para flauta são tradicionalmente marcados pela participação de intérpretes junto aos compositores, e grande parte do repertório de música eletroacústica mista para flauta também se desenvolveu a partir deste princípio de colaboração. As práticas criativas interdisciplinares são cada vez mais beneficiadas por coautorias entre compositores e *performers*. A acessibilidade de ferramentas tecnológicas voltadas para sistema de áudio e vídeo, associada à imposição de isolamento social pelo COVID-19, transformou a rede no espaço primário de convivência e tornou necessário refletir sobre as novas formas de interação e criatividade artística. Nesse artigo faço o relato de minha experiência pessoal centrada na performance musical, improvisação livre, música de câmera telemática e composições para flauta, eletrônica e audiovisual. Serão analisados quatro trabalhos audiovisuais autorais e colaborativos que emergiram fundamentalmente de minha vivência como flautista, *Mãos dadas* (2021), *Grão* (2021), *Módulos* (2021) e *Rios voadores* (2023).

Palavras-chave: flauta; música telemática; criação colaborativa.

Expanded narratives: performance, collaborations, creativity in mixed and telematic flute music

Abstract:

Technical advances in the flute repertoire are traditionally characterised by the participation of performers alongside composers, and a large part of the mixed electroacoustic flute music repertoire also originates from this principle of collaboration. Interdisciplinary creative practices benefit increasingly from co-authorship between

Carrascoza Bomfim, Cássia. 2024. "Narrativas expandidas: *performance*, colaborações, criatividade, música mista e música telemática para flauta." *Anais do XIII Evento Científico da Associação Brasileira de Flautistas*, 111-124. XIX Festival Internacional de Flautistas, Paraty, 28 de junho a 1º de julho de 2023.

composers and performers. The accessibility of technological tools for audio and video systems, together with the imposition of social isolation due to COVID-19, transformed the network into the primary space for coexistence, and imposed reflection on new forms of interaction and artistic creativity. In this article I report on my personal experience that revolved around musical performance, free improvisation, telematic chamber music and compositions for flute, electronics and audiovisual. Four personal or collaborative audiovisual works that emerged fundamentally from my experience as a flutist will be analyzed, *Mãos dadas* (2021), *Grão* (2021), *Módulos* (2021) and *Rios Voadores* (2023).

Keywords: flute; telematic music; collaborative creation.

Introdução

O surgimento da música eletroacústica ocorreu a partir do desenvolvimento de aparelhos técnicos depois da segunda guerra mundial, e levou a música de concerto à integração com a tecnologia. Segundo Chagas e Bomfim, a crise do sistema tonal foi crucial no desenvolvimento estético desse gênero musical:

De uma perspectiva evolucionária, a música eletroacústica representa um novo paradigma na história da música que é fundamentada na tradição vocal e instrumental, isso é ampliado com a inclusão de aparelhos que produzem e movem sons ao redor do espaço. Do ponto de vista histórico, emergiu num período de crise representado pela ruptura do papel fundamental que a harmonia tonal desempenhou como matriz estabelecida na composição musical (Chagas e Bomfim 2023, 1).

Esse gênero musical se desenvolveu a princípio com três diferentes orientações, *musique concrète*, *Elektronische Musik* e *computer music*.

Já em 1952, Bruno Maderna escreveu a primeira obra eletroacústica mista do repertório, *Musica su due dimensioni* para flauta, percussão e fita magnética. Com essa obra, o compositor inseriu a flauta em uma cadeia de desenvolvimento interdisciplinar que segue em curso. Maderna propôs uma situação dialógica entre o ambiente acústico e o digital em sua obra:

(...) abriu uma possibilidade de performance musical única nesse momento da história da música. E no seu posicionamento como compositor/performer tangenciou questões que continuam pertinentes para

os desdobramentos da música eletroacústica mista (Bomfim 2016, 51).

A partir desta peça, é relevante observar como a flauta teve seu repertório misto expandido tanto em número de obras como na constante presença em inovações das estruturas musicais nos séculos XX e XXI. A primeira obra a lançar mão do processamento sonoro em tempo real é *Jupiter*, de Phillippe Manoury, de 1987, para flauta e eletrônica em tempo real e seguidor de partitura. Esta obra expandiu parâmetros de interação musical com a tecnologia, do ponto de vista da composição e da performance.

A convergência entre as artes e ciências vem se intensificando cada vez mais. Podemos tomar como exemplo a significativa pesquisa em curso na atualidade, o projeto REACH: Raising Co-creativity in Cyber-Human Musicianship (<http://repmus.ircam.fr/reach>), do núcleo de pesquisa do IRCAM, que desenvolve o SOMAX, programa que envolve a cooperação da inteligência artificial e humana direcionada para a improvisação musical interativa. A equipe deste projeto é formada por músicos e engenheiros, muitas vezes com a dupla formação.

Em seu artigo “Dialogues between Artistic Research and Science and Technology Studies: An Introduction”, Borgdorff, Peters e Pinch (2020), apontam três características fundamentais da pesquisa artística: a experimentação onde o objetivo do experimento não é realizar testes, mas transmitir conteúdo; a segunda é o envolvimento e engajamento dos participantes que realizam a pesquisa; e a terceira é que os resultados da pesquisa precisam de uma forma de análise, ou interpretação.

Com a impossibilidade de compartilhamento dos espaços comuns, durante o isolamento social imposto pela pandemia provocada pela Covid 19, a busca por soluções para a continuidade das práticas musicais à distância foi intensificada, e uma das possíveis ações positivas se deu através da música telemática — definida por Oliveros (2009) como “a música tocada ao vivo e simultaneamente em localizações geográficas diferentes via internet”, ou seja, uma prática musical coletiva que não se exerce no espaço físico comum: os músicos estão em lugares diferentes e a comunicação se dá através da rede. Essa prática musical é baseada na convergência entre a tecnologia e a arte.

Atualmente podemos observar em diferentes situações na quais o conceito de performance vem sendo expandido em diversos gêneros musicais. Encontramos diversidade de expressão e experimentalismos na construção de *performances* da música clássica contemporânea ocidental, e são frequentes os concertos mediados por diferentes aparelhos técnicos, como microfones, *softwares* de processamento sonoro ou visual, iluminação, etc.

Podemos perceber, em concertos e espetáculos de música contemporânea, vertentes de expressão em desenvolvimento que comportam a inserção de diferentes elementos que extrapolam o tocar um instrumento, que por sua vez, agregam ao fazer musical a necessidade de habilidades que se prestam a intensificar a performance artística.

Flautista expoente no cenário internacional, Claire Chase (<https://www.clairechase.net/about>), professora da Universidade de Harvard, desenvolve um projeto intitulado “Density 2036”, o qual é descrito em seu *site* como:

Density re-imagina a literatura para flauta solo ao longo de um quarto de século por meio de encomendas, performances, gravações, educação e uma abordagem focada na comunidade para a produção cultural. O ponto central da iniciativa Density é o compromisso de apoiar uma comunidade internacional e multigeracional de flautistas que levarão o repertório de Density em novas direções interpretativas.

Chase tem se apresentado em diferentes continentes, demonstrando uma gama de variações sobre trabalhos que incluem elementos cênicos, arte digital, improvisação, iluminação, processamento sonoro, entre outros.

Podemos citar vários flautistas do cenário nacional e internacional que trabalham com produções interdisciplinares, seja como intérpretes de composições estruturadas, ou como compositores-intérpretes, que apresentam em suas pesquisas artísticas narrativas expandidas, entre muitos outros: Valentina Daldegan, Gabriel Rimoldi, Felipe Amorim, Rodrigo Frade, Leticia Maia, Will Offermans, Claire Chase, Helen Bledsoe, Mike Schmid e Julián Elvira.

Relatarei os processos criativos e a aprendizagem do domínio tecnológico que tem sido determinante no meu processo de criação de narrativas artís-

ticas e que vem expandindo meu trabalho de composição e performance. Farei a descrição e análise de quatro trabalhos audiovisuais: *Mãos dadas/Holding Hands* (2021), composição audiovisual colaborativa, *Grão* (2022) composição audiovisual com trilha sonora para flauta solo e voz, realizada com processamento sonoro com o programa MAX, com um *patch* criado por mim, e finalmente, duas composições telemáticas que são parte do projeto de pesquisa em desenvolvimento, “Música telemática: conectividade em ambientes virtuais”, financiado pela FAPESP e do qual sou pesquisadora responsável: *Módulos* (2021) para ensemble telemático, com processamento sonoro em tempo real e *Flying Rivers* (2023) composição telemática audiovisual colaborativa junto a Viv Corringham, voz, e Diane Roblin, teclados, na qual me utilizei do sistema PGJTT, de Mike O’Connor para difusão de áudio e OBS e Zoom para difusão de vídeo.

Mãos dadas/Holding Hands (2021) – Composição colaborativa

Mãos dadas (<https://youtu.be/Y4KaZ6xPNB8>) é uma composição audiovisual produzida em colaboração com artistas brasileiros durante o isolamento social da Covid-19, como obra integrante da curadoria executada a convite de Paulo C. Chagas para o concerto *Que Viva México! Telematic Immersion*, evento virtual realizado na Universidade da Califórnia – Riverside, dia 15 de maio de 2021 (<https://tinyurl.com/4wsbwza4>).

Trata-se de um produto audiovisual realizado em colaboração com artistas brasileiros. O vídeo é uma combinação de música, sons eletrônicos e imagem que buscou criar um ambiente imersivo no início do período de isolamento social. Na parte central do vídeo é exibido um painel de fotografias de pessoas dando as mãos a seus familiares, numa alusão àqueles que não estavam em contato físico com ninguém. Fizemos visitas virtuais através da plataforma Zoom e as fotos foram tiradas remotamente. Estabelecemos uma narrativa de *performance* com a flauta, realizando experiências de interação com a câmera, no intuito de estabelecer parâmetros de performance virtual, remodelando o conceito de presença através da distância.

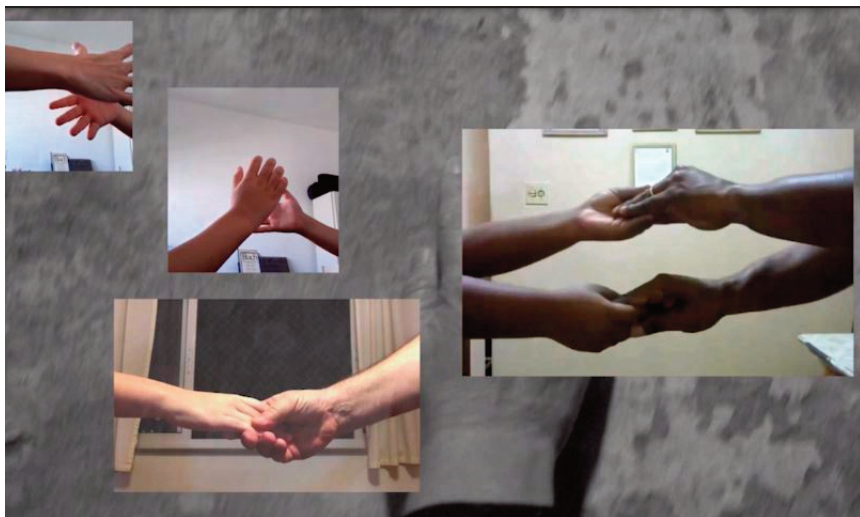


Figura 1 – *Mãos dadas*: fotografias remotas durante o isolamento social.

Para a realização de *Mãos dadas* (2021), trabalhei em diversas frentes, concebi, dirigi, fiz visitas e fotografias remotas para o painel que retrata as mãos dadas, improvisei e gravei a flauta baixo e palavras faladas espaçadamente, processados com *reverb* e *delay* com um *patch* Max criado por Paulo C. Chagas. Contei com a colaboração do compositor Danilo Rossetti para a realização da música eletrônica, Daniel Perseguium, produção de vídeo, Bruno Lima, edição, e Sérgio Ferreira, fotografia.

Mãos dadas coloca a audiência num fluxo de eventos de sons, visuais, performance e espaços nos quais os corpos e as máquinas se fundem.

Grão (2022) – Cássia Carrascoza

Grão/Grain (<https://youtu.be/yEyPI1u7B6k>) é o trabalho final da disciplina “Audiovisual and Multimedia Composition” ministrada pelo Prof. Paulo C. Chagas em 2022 na Universidade da Califórnia – Riverside, que cursei *online*, como parte do período de *visiting scholar* virtual naquela instituição.

O objetivo do trabalho foi combinar a composição musical estruturada sobre amostras de som processadas por granulação com a narrativa visual,

composta por imagens concretas gradativamente alteradas por efeitos, estabelecendo uma relação dialógica entre o áudio e o vídeo.

Para a composição musical gravei sequências de sons longos com as notas si, fá e dó combinadas de maneira alternada em sua ordem bem como em diferentes oitavas da flauta.

Trabalhei sobre a música com processamento granular do som no programa MAX, mesclando sons de flauta e o seguinte texto declamado de Guimarães Rosa:

Deixei que o rumo se consumasse, temi o desvio de linhas irremissíveis e secretas, sempre foi a minha ânsia querer acumpliciar-me com o destino. E hoje, tenho a certeza: toda a liberdade é fictícia, nenhuma escolha é permitida; já então, a mão secreta, a coisa interior que nos movimentava pelos caminhos árduos e certos, foi ela que me obrigou a aceitar. O mais fundo de mim mesmo não tem pena de mim; e o mais fundo de meus pensamentos, nem entende as palavras (Rosa 1994, 869).

Em seguida editei no *software* Reaper a trilha utilizando o material sonoro em oito diferentes pistas, como podemos ver na figura abaixo:

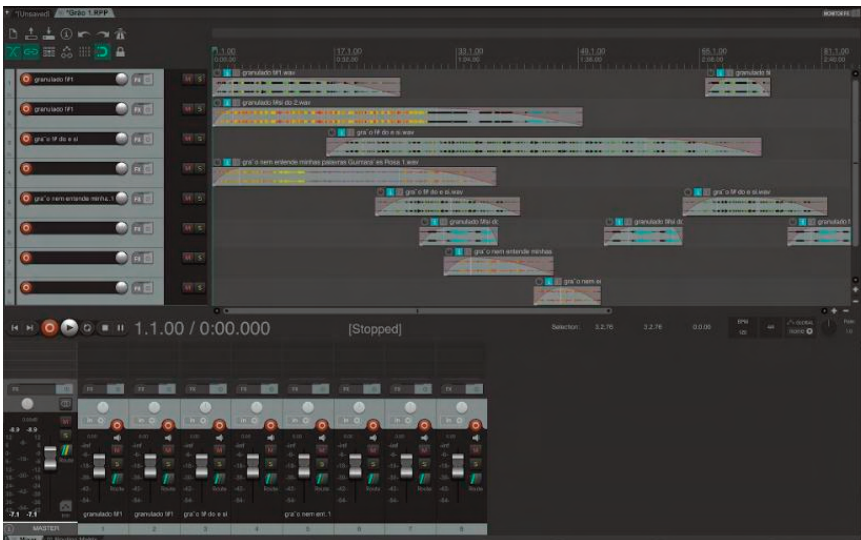


Figura 2 – Composição da trilha de *Grão*

Esse trabalho foi realizado no final do isolamento social e o material visual é composto pela ampliação de imagens dos olhos de pessoas da minha família, trazendo o olhar delas para uma dimensão próxima. Algumas vezes intercalo com imagens dos olhos de corujas ou macacos e cenas da natureza. Utilizo efeitos de vídeo para criar um jogo de alternância entre o real e o fantástico.

As imagens finais foram gravadas com o meu próprio reflexo no espelho evocando a presença virtual constante nas reuniões virtuais que participamos no isolamento. Nessas reuniões estamos sempre espelhando a nós mesmos e acabamos por existir de uma maneira diferente e única nesse ambiente que nos reflete, nos aproxima e ao mesmo tempo nos deixa apartados da dimensão corpórea do outro. Poeticamente podemos considerar que estamos constantemente dentro de um espelho de nós mesmos nos revelando em uma solidão acompanhada.

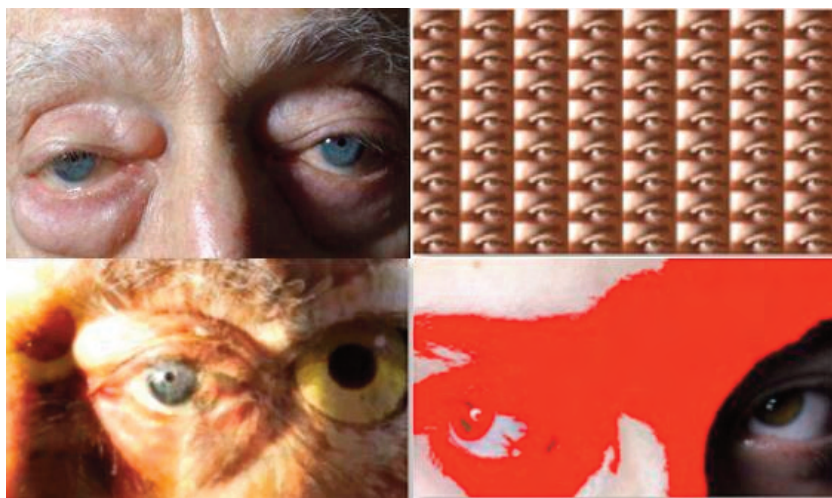


Figura 3 – Imagens de *Grão*: alternância entre o real e o fantástico

Grão é uma espécie de jogo entre os olhares dos que estiveram próximos a mim durante esse período. São olhares onde me reconheço.



Figura 4 – *Grão*: espelhos

Música Telemática

Os dois trabalhos abaixo são composições audiovisuais criadas para ambiente telemático. A primeira, *Módulos*, para o Ensemble Telemático La-Flauta, e a segunda, *Flying Rivers*, composição colaborativa do Trio Janela, grupo telemático que iniciou as atividades em 2022, formado por três mulheres que tocam em três países diferentes: Viv Corringham, Diane Roblin e Cássia Carrascoza.

Como mencionado acima, a música telemática é um gênero de música praticada à distância intermediada por *softwares* de comunicação via linha de telefone. Para nosso trabalho de performance telemática utilizamos como sistema básico interativo para o vídeo a plataforma Zoom e para o áudio o software JackTrip conectado ao Pretty Good JackTrip Toolkit (PGJTT)

Módulos (2021) – Cássia Carrascoza

Módulos (https://youtu.be/-hURtGk_RCs?si=LOLUj6c8wVqisoyP) foi composta para o Ensemble Telemático LaFlauta, grupo de alunos do Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP

– Ribeirão Preto, como peça didática para prática da música telemática e introdução à *performance* com processamento em tempo real.

A peça explora a alternância entre sons e silêncios, incorporando a latência da rede e visa explorar a audição e a *performance* em ambiente virtual. Trata-se de um trabalho didático que explora a interação do grupo com e sem o processamento sonoro.

A peça tem 5 partes, chamadas de rumos. São elas:

- ☛ Proposta de improvisação com ruídos e técnicas expandidas alternando entre sons longos e curtos;
- ☛ Sons curtos em *sforzato*, alternados como um exercício de audição do ambiente sônico virtual e os sons dos outros músicos;
- ☛ Sessão com partitura escrita, linhas melódicas baseadas em modo eólio que promove uma interação melódica não sincrônica, característica própria do ambiente telemático. Essa parte contém o material sonoro de transição para os módulos, que são curtos e devem ser repetidos e alternados pelos músicos, servindo como gatilho para improvisações;
- ☛ Módulos curtos;
- ☛ Improvisação livre com texto falado (excerto do *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa) sobre o tecido sonoro que se dilui gradativamente.

O ambiente telemático pode funcionar como ferramenta de aprendizagem e prática de vários aspectos da interação tecnológica em música. Chagas fez uma comparação entre o estúdio de música eletrônica e o modelo de diálogo telemático:

O estúdio de música eletrônica pode ser visto como um modelo de diálogo telemático que surgiu na era analógica. O paradigma do estúdio de música eletrônica é caracterizado pela troca sistemática de informações entre diferentes tipos de parceiros como compositores, *performers*, engenheiros, técnicos e ouvintes, utilizando aparelhos para criação de obras musicais (Chagas 2014, 105).

O ambiente telemático é um espaço apropriado para músicos interessados em interagir com a tecnologia. No trabalho pedagógico com o Ensemble Telemático LaFlauta, entre outros aspectos da interação tecnológica, trabalhamos com os aspectos fundamentais do processamento sonoro em tempo real com um *patch* Max, baseado em mudanças de *delay* e *feedback*, alteração de frequências e incorporação de sons pré-gravados e disparados através do granulador (Figura 5).

Inicialmente organizamos ensaios com todos os alunos, onde eles praticaram juntos e também colaboraram na instalação e conexões do JackTrip. Depois de vários ensaios, organizamos pequenas sessões individuais, permitindo que cada músico experimentasse diferentes efeitos no *patch* Max. Esses ensaios foram uma oportunidade para que eles criassem novas formas de tocar e refinassem a audição do processamento do som.

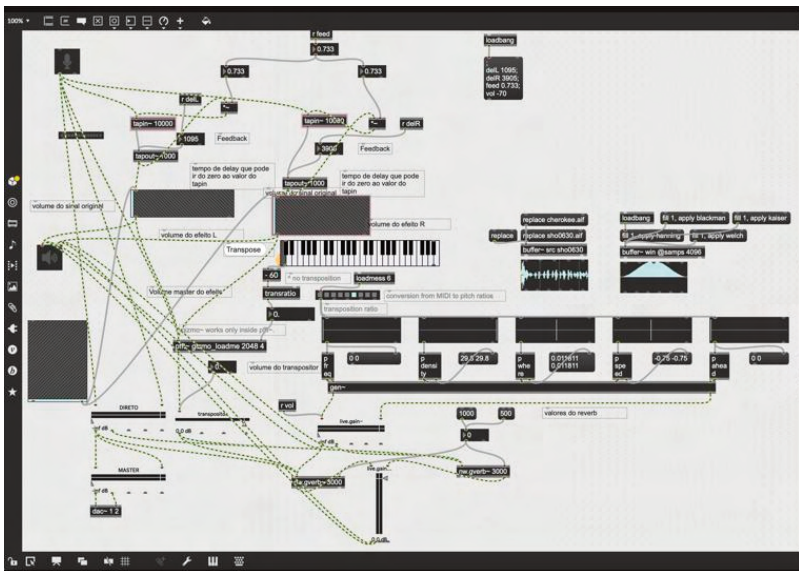


Figura 5 – Módulos: patch Max

Utilizamos a ferramenta *background* do Zoom para projetarmos uma espécie de cenário comum durante o concerto do grupo. Na imagem abaixo, o fundo foi realizado com um desenho com caneta esferográfica e tratado com o *soft-*

ware para edição gráfica Procreate (<https://procreate.com/>), para o concerto realizado no IV Ciclo Internacional de Convergências Sonoras – Música Telemática: conectividade em ambiente virtual, no Laboratório de Flauta-LaFlauta do DM da FFCLRP-USP, sob minha coordenação em 27 de maio de 2023 (https://youtu.be/-hURtGk_RCs?si=_l2AV21oy1piBiFQ).

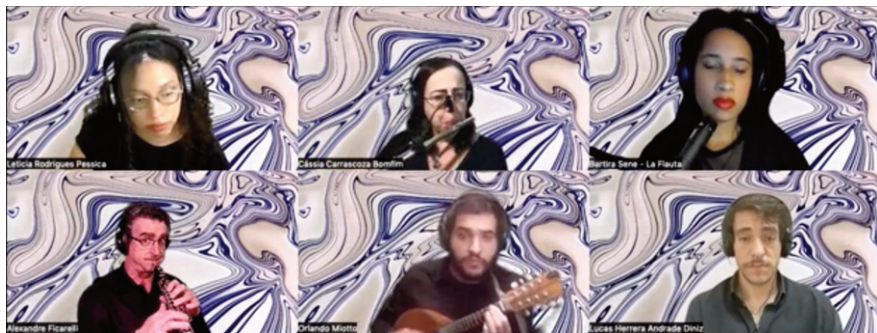


Figura 6 – Ensemble Telemático LaFlauta: background plataforma ZOOM

Flying Rivers (2023) – Trio Janela

Flying Rivers (<https://shorturl.at/fjmvX>) é uma composição coletiva do trio janela, grupo composto por mulheres que tocam de maneira telemática em países diferentes: Estados Unidos, Canadá e Brasil. O Trio Janela é formado por membros do NowNet Lab Ensemble: Viv Corringham em Nova Iorque, nos Estados Unidos (vocais e eletrônicos), Diane Roblin em Toronto, no Canadá, (piano e teclados) e eu, Cássia Carrascoza, em São Paulo (flauta e produção de transmissão audiovisual).

O grupo busca desenvolver a comunicação e a expressividade musical dentro das particularidades do ambiente virtual. Nossa pesquisa é focada em criar e potencializar conexões entre nós e entre o público fisicamente distantes.

A composição original explora o fenômeno natural dos rios voadores, as mudanças climáticas e o fato de estarmos sujeitos aos fenômenos naturais. *Flying rivers* — rios aéreos — são rios invisíveis, correm nos céus sem margens definidas. Nossa *performance* reflete esse movimento combinando im-

provisação livre e pré-estruturada com eletrônica, associadas à projeção do vídeo ao fundo, simulando um espaço comum.

Este projeto explora nossa presença virtual na tela, pois os intérpretes são dinamicamente projetados ao vivo em um vídeo pré-editado. Empreguei um conjunto de ferramentas para a execução desta composição, utilizando JackTrip, PGJTT e Loopback para áudio, e Zoom juntamente com o Open Broadcaster Software (OBS) para vídeo (Figura 7). Este trabalho foi apresentado em 30 de outubro de 2023 na Conferência NowNet 2023, em Nova Iorque, *on-line*.

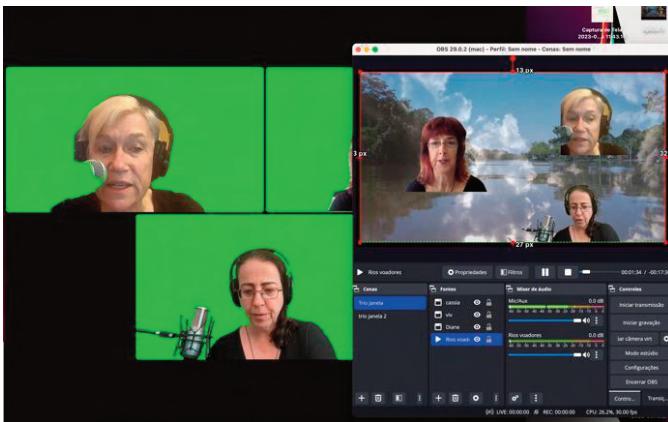


Figura 7 – Trio Janela: *Flying Rivers*: ZOOM e OBS

Conclusão

Como flautista e professora, entendo que o trabalho criativo enriquece as possibilidades de *performance*. As novas tecnologias têm sido ferramentas de fácil acesso e que oferecem possibilidades práticas de desenvolvimento de narrativas expandidas de performance. O aprendizado das diversas ferramentas tecnológicas vem me levando à reflexão sobre a liberdade de interpretação e criatividade.

Conclui-se que os desafios da música de concerto estão, na atualidade, ligados a novas formas de expressão, e que embora nossa área de atuação seja

como instrumentistas de alta excelência, podemos abrir diferentes caminhos para a busca de modificar, variar e intensificar a conexão musical, seja presencialmente ou à distância.

Referências Bibliográficas

- Bomfim, Cássia Carrascoza. 2016. “O problema do tempo no repertório de obras mistas para flauta solista”. Tese de Doutorado em Musicologia. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tinyurl.com/39hmhtz6>.
- Borgdorff, Henk; Peter Peters; e Trevor Pinch. 2020. *Dialogues between Artistic Research and Science and Technology Studies: An Introduction*. New York: Taylor & Francis Group.
- Chagas, Paulo C. 2014. *Unsayable Music: Six Reflections on Musical Semiotics, Electroacoustics and Digital Music*. Leuven: University Press.
- Chagas, Paulo C. e Cássia C. Bomfim. 2023. “With Love: Electroacoustic, Audiovisual, and Telematic Music”. In *Music in the AI Era: Proceedings of the 15th International Symposium on Computer Music Multidisciplinary Research (CMMR)*, editado por Aramaki, Mitsuko *et al.*, 312-330. Cham: Springer Nature Switzerland. Disponível em: <https://11nq.com/B5ISP>.
- Rosa, Guimarães. 1994. “Grande sertão: veredas”. In *Ficção completa*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.